



**EXPERIÊNCIAS  
ESPÍRITAS  
DE UM  
MINISTRO DA  
IGREJA ANGLICANA**



**Ernesto Bozzano**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



*[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)*

**Ernesto Bozzano**

**Experiências espíritas de um ministro da Igreja  
Anglicana**

*Título do original italiano*

*Ernesto Bozzano - Le indagini psichiche di un Ministro della  
Chiesa Anglicana  
Roma (1923)*

*Extraídos da obra*

*V. G. Duncan - Proof (Provas)*



Camille Pissarro - Le verger (The Orchard)



**Conteúdo resumido**

A monografia de Ernesto Bozzano relata as experiências do Reverendo V. G. Duncan da Igreja Anglicana colhendo as provas da sobrevivência da alma com o fim de orientar e consolar os seus paroquianos. E que foram compilados na obra chamada V.G. DUNCAN - PROOF (Provas)

## Sumário

- » Homenagem a Ernesto Bozzano (1862 - 1943)..... 2
- » Ao Leitor ..... 4
- » Experiências espíritas de um ministro da Igreja Anglicana ..... 6

## Homenagem a Ernesto Bozzano

(1862 - 1943)

Sob o ponto de vista científico, a contribuição de Ernesto Bozzano ao Espiritismo é realmente incalculável, quer em qualidade, quer em riqueza de casos e depoimentos. Influenciado pelo sistema positivista através da linha spenceriana, como ele próprio declara, nunca teve qualquer “indício de misticismo”, mas, pelo contrário, sempre foi um homem voltado para as soluções objetivas, infenso à cogitação, como se dizia muito em sua época.

Vejamos a franqueza com que Bozzano fala de seu passado filosófico:

“Uma vocação predominante me havia conduzido a ocupar-me, exclusiva e apaixonadamente, da escola científica e Herbert Spencer era, naquele tempo, o meu ídolo. Durante dois anos, eu estudara, ininterruptamente, anotara e classificara com imenso amor todo o conteúdo do seu imponente e enciclopédico sistema filosófico para, em seguida, lançar-me de corpo e alma nas lutas do pensamento, empenhando-me em polêmicas com quem ousasse criticar os argumentos e as hipóteses que o meu venerando mestre formulara.”

(A declaração está no I capítulo de uma de suas maiores obras: *Animismo ou Espiritismo?*)

Mais tarde, por estudo e observações diretas, chegou à convicção espírita e definiu sua nova posição em diversos trabalhos. Uma de suas motivações para o estudo da fenomenologia chamada *paranormal* foi a leitura dos *Anais das Ciências Psíquicas*, publicação dirigida por Dariex, mas orientada pelo Professor Charles Richet, autor do *Tratado de Metapsíquica*. Houve ainda outra motivação, aliás bem significativa: o debate de Richet com Rosenbach pela *Revista Filosófica*. Os argumentos que Richet contrapunha ao opositor impressionaram muito o ânimo de Bozzano, justamente pela sua consistência científica, enquanto as objeções de Rosenbach lhe pareceram logo insustentáveis pela falta de solidez. Daí por diante Bozzano e Richet trocaram correspondência muito franca e afetuosa.

Sabe-se que Richet ficou na “Metapsíquica”, mas deixou testemunho a respeito dos fatos e, por isso mesmo, embora não tenha chegado à Doutrina Espírita, é ainda citado com toda a procedência. Convém lembrar, e bem a propósito, que uma das cartas de Richet a Bozzano, naturalmente depois de muitas observações e reflexões, termina assim: “E agora, abro-me a você, de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência.” (Sir Oliver Lodge, ao contrário do que geralmente se supõe, já estava convencido da sobrevivência do espírito muito antes do desenlace de seu filho Raymond na I Guerra Mundial, começada em 1914). O livro de Lodge, *Raymond*, é um depoimento valiosíssimo.

Bozzano estudou e pesquisou muito. Leu, com afinco, tudo quanto lhe foi possível sobre ciências psíquicas e, especificamente, sobre o Espiritismo, mas não reduziu o seu campo de trabalho aos estudos de gabinete, pois era um homem afeito à observação e à investigação. Corajoso em suas afirmações, proclamou a validade das teses espíritas sem temer os preconceitos acadêmicos e as ojerizas religiosas. Além de artigos em diversas revistas especializadas, Ernesto Bozzano publicou

muitos livros, entre os quais *Xenoglossia*, *Enigmas da Psicometria*, *Pensamento e vontade*, *Fenômenos psíquicos no momento da morte*, *Fenômenos de transporte*, *Metapsíquica humana*, *Literatura de além-túmulo*, *Animismo ou espiritismo?*, *Comunicações mediúnicas entre vivos* (com depoimento de diversos pesquisadores, como Barrett, Lodge, Stead, Geley, em tradução de Francisco Klörs Werneck e apresentação de J. Herculano Pires, EDICEL, São Paulo), *Desdobramento – Fenômenos de bilocação* e muitas monografias: *Breve história dos “raps”*, *Materializações minúsculas*, *Marcas e impressões de mãos de fogo*, etc.

Temos aí apenas algumas referências biográficas, bem pouco, quase nada, sobre um estudioso e pesquisador do alto porte de Ernesto Bozzano, nascido em Gênova (Itália) em 1862 e desencarnado em julho de 1943. Neste pequeno resumo, entretanto, imprimimos todo o vigor espiritual de um preito de homenagem do Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

### **Observações especiais:**

A carta de Charles Richet a Ernesto Bozzano está no livro de Sérgio Valle (médico), edição da LAKE, São Paulo. Veja-se o penúltimo capítulo.

Diversos livros de Bozzano foram publicados pela Federação Espírita Brasileira; outros foram publicados pelas editoras ECO (Rio de Janeiro), CALVÁRIO (São Paulo), EDICEL (São Paulo) e LAKE (São Paulo), traduções do Dr. Francisco Klörs Werneck.

(Transcrito do IV vol. dos Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 1979, com autorização do seu digno Diretor, Prof. Deolindo Amorim).

### ***Ao Leitor***

Ernesto Bozzano, o grande Mestre da Ciência da Alma, escreveu os trabalhos constantes deste volume nos tempos áureos do Espiritismo científico, isto é, quando se procuravam provas

concretas da sobrevivência da alma e da sua comunicação com os vivos da Terra.

Depois veio a II Grande Guerra Mundial, travada principalmente no continente europeu, e, depois dela, o Espiritismo, devido a ditaduras políticas e religiosas, desapareceu quase por completo, sendo mesmo proibido em Portugal e na Espanha. Na Itália, terra de Bozzano, só pôde surgir mais tarde apenas com o nome de Metapsíquica, porque os sucessores dos perseguidores cristãos não permitiam que o Espiritismo fosse pregado à luz do dia e então tivemos, por nossa vez, o Espiritismo das catacumbas européias. Já na Inglaterra, por ser um país protestante e separado do continente, o Espiritismo continuou a ser pregado e praticado, tornando-se, mais tarde, uma das religiões do país graças ao esforço de Lord Dowding, Marechal do Ar e grande herói nacional.

Convém esclarecer o leitor que os anglo-saxões (ingleses, norte-americanos, etc.) não empregam a palavra Espiritismo e sim Espiritualismo, pois o Espiritismo é uma doutrina codificada por Allan Kardec e só mesmo os seus adeptos é que podem ser chamados de espíritas, pois ele não tem santos, nem sacerdotes, nem altares, etc.

Parece-me, pois, que, na verdade, o Espiritismo científico desapareceu, ou quase isto, pois não se fala mais em sessões de efeitos físicos e muita gente só quer aprender Espiritismo em livros mediúnicos – não importando de qual autor e procedência, livros que muitos ainda consideram como ficção mediúnica – esquecida de que um fato é um fato e que contra fatos não há argumentos. Há ainda muita gente, nos tempos de hoje, que quer provas concretas e, como não as encontram aqui, em parte alguma, mesmo em livros nacionais, resolvi continuar a publicação de alguns dos excelentes trabalhos do grande Bozzano, que provam, na base dos fatos, a sobrevivência da alma e a sua comunicação com os vivos da Terra.

O Tradutor

## **Experiências espíritas de um ministro da Igreja Anglicana**

Atualmente está se multiplicando o número de ótimos médiuns de *voz direta* e isto em correspondência com o vivo desejo desses médiuns de chegarem a obter essa forma convincente de manifestações, o que demonstra como é a mediunidade de efeitos físicos mais ou menos transformável, com a condição, porém, de possuírem uma boa persistência e um propósito absoluto, porque isto requer anos de paciência e metódicas sessões preparatórias com resultados nulos antes de ser atingido o tão ambicionado fim.

Sabe-se que a Sra. Gibbons Grinling sentou-se com seu filho, em plena obscuridade, três vezes por semana, durante três anos seguidos, sem nunca chegarem a obter coisa alguma. Depois, certa noite, de um ângulo do teto, fez-se ouvir a voz do filho morto que lhe comunicava a agradável notícia de que a sua perseverança havia alcançado o desejado prêmio e desde aquele dia a sua mediunidade se desenvolveu de forma rápida.

Sucedeu o mesmo, recentemente, com o conhecido jornalista inglês Hannen Swaffer, autor da obra *Northcliff's Return* (A volta de Northcliff), o qual, depois de ter assistido, em casa de H. Dennis Bradley, às sessões com o médium Valiantine, formou, em sua própria casa, um grupo de experimentadores escolhidos com o escopo de chegarem a obter o fenômeno de *voz direta* e nisto perseverou por dois anos sem resultado algum, mas eis que, já passados alguns meses, a *voz direta* se fez ouvir também no seu grupo, desenvolvendo-se e reforçando-se rapidamente.

Diga-se o mesmo das bem conhecidas senhoritas Moore, das quais me resolvo ora tratar a propósito de magníficas sessões que o Rev. V. G. Duncan teve com elas, que, já desde 1917, nunca se tinham interessado por experiências mediúnicas, mas naquele ano conheceram uma família de espíritas com a qual participaram de algumas experiências psicográficas que lhes despertaram o interesse. Tentaram escrever automaticamente e o consegui-

ram. Numa dessas experiências, uma entidade comunicante aconselhou-as a se proverem de uma “trombeta acústica” e que se sentassem em plena obscuridade, assegurando-lhes que, com sua persistência, conseguiriam o fenômeno de *voz direta*. Nisso perseveraram por quase um ano sem nada obterem, mas certa noite fizeram-se ouvir leves pancadinhas batidas na trombeta. O modesto fenômeno serviu para reforçar-lhes a tenacidade de propósito que estava prestes a findar e, depois de alguns meses, ouviram a “voz de um espírito” que lhes enviava uma saudação de feliz êxito. Desse momento em diante, a mediunidade delas se desenvolveu rapidamente em tal sentido e depois as *vozes diretas* se exprimiram num tom absolutamente normal.

O Rev. Duncan intitulou o seu livro com uma só palavra, *Proofs* (Provas), título lógico este, pois que é repleto de fatos que convergem todos para um fim único: a demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano. Observa ele:

“Este livro, profundamente sincero, foi escrito por um ministro da igreja anglicana e é o resultado de um esforço começado em 1926 para resolver, por meio do método experimental, o problema dos problemas que é o da sobrevivência do espírito à morte do corpo... O esforço para adquirir uma convicção pessoal sobre este assunto se impõe a tal ponto que toda pessoa, capaz de refletir, não pode deixar de realizá-lo em uma época como a nossa, de isolamento e de perplexidade espiritual.

Nesse esforço tenaz de pesquisas, em que me aconteceu explorar também a minha fé ... cheguei a descobrir quanto basta ... para oferecer o bálsamo de consolo às almas torturadas pela dúvida ou àqueles que choram sobre uma sepultura recente e se interrogam, consternadas, sobre que coisa teria sucedido aos seus parentes próximos, chegados ao tenebroso ocaso ou à aurora radiosa que os humanos chamam de *morte*.”

Estas reflexões, profundamente verdadeiras e não menos sinceras, demonstram logo que, no ministro anglicano como num imenso número de pessoas, cultas e incultas, de nosso século, se

instalara o tormentoso acúleo de uma dúvida filosófica que não poderia ser eliminada de outra forma senão obtendo-se provas concretas da sobrevivência.

Em tais circunstâncias, ele recorda que, quando moço, assistira a algumas sessões mediúnicas que, na verdade, não o tinham animado a prosseguir nas pesquisas que ora resolvia fazer. Assim escreve ele:

“A minha volta às pesquisas psíquicas começou em 1922, na ocasião em que ainda estava na Escócia. Quando me deparava com almas sofredoras, que me suplicavam palavras de conforto, sentia mais do que nunca a necessidade de encontrar argumentos mais seguros e pessoais do que os que me fornecera a ortodoxia anglicana e foi por essa imperiosa necessidade que resolvi empreender o estudo dos portentosos volumes da *Society for Psychical Research*. Depois, li, estudei e anotei uma centena de obras diversas sobre o mesmo assunto. Certo dia, o meu livreiro habitual, que tinha notado minha preferência por essa espécie de literatura, disse-me que, se eu desejava aprofundar-me experimentalmente nas pesquisas psíquicas, ele poderia ajudar-me...”

E assim aconteceu. Por intermédio do seu livreiro foi que o Rev. Duncan conheceu as senhoritas Moore, médiuns que ele descreve nos seguintes termos:

“Nunca eu me encontrara com médiuns de *voz direta*, pelo que, quando me foram apresentadas as duas jovens irmãs, comecei a observá-las com grande interesse, estudando-as do ponto de vista psicológico. Pareceram-me, em tudo, duas jovens escocesas normalíssimas, modestas e gentis, nas quais não se observavam absolutamente as características especiais de médiuns suspeitos. A única particularidade perceptível a um observador perspicaz consistia no seu olhar vago, que parecia fixar-se longe, muito longe mesmo: era o indescritível olhar particular aos “videntes” da Escócia. Durante a breve conversa que precedeu a sessão, tive meios de verificar que as duas irmãs eram entusiastas do movimento espiritualista ao qual tinham consagra-

do a vida e pelo qual esperavam a regeneração da humanidade. Explicaram-me, modestamente, que eram simples instrumentos a serviço dos desencarnados...”

O Rev. Duncan fora à sessão juntamente com um amigo, ex-oficial do Exército, amigo que estava tanto quanto ele próprio desejoso de formar um conceito pessoal sobre a realidade das manifestações dos chamados mortos. Ambos obtiveram boas provas em tal sentido: ao oficial manifestou-se a própria mãe, da qual reconheceu a voz e que lhe forneceu magníficas provas de identificação pessoal, e ao Rev. Duncan manifestou-se um dos vigários que o haviam precedido no exercício da paróquia que lhe foi confiada, vigário que ele nunca conhecera. Relato a seguir um trecho deste último episódio:

“O *espírito-guia* dirigiu-se a mim, dizendo: “Irmão, está presente alguém que deseja falar-vos. É alto, bem apessoado, e parece também um ministro anglicano. Apresenta-se vestido com uma comprida batina preta”, ao que respondi que me seria bem agradável conversar com ele.

Fez-se logo ouvir uma “voz” que me falou defronte, a poucas polegadas do rosto, e que se exprimiu nestes termos:

– Sou Moss, Gerald Moss. Não me conhecestes, mas bem sabeis quem sou. Fui o primeiro vigário da igreja em que estais.

– Estou mais do que satisfeito em conversar com um meu antecessor. Podeis dizer-me em que local faleceste?

– Sim. Millhaven.

– É verdade. E de que doença faleceste?

– Pulmonite.

– (Exato). Naturalmente vos lembrais do nome de minha igreja.

– De nossa igreja, devereis dizer. É São J...

– (Exato). Porventura desejais encarregar-me de uma mensagem para a vossa esposa?

– Nunca me casei e bem o sabeis, replicou prontamente a “voz”, com certo ressentimento na tonalidade com que se exprimiu.

Apressei-me a pedir-lhe desculpas, observando que ele compreendia certamente e talvez apreciasse o motivo pelo qual lhe dirigi uma pergunta assim.

Ouviu-se uma risadinha, seguida da resposta: “Provas cruciais para a casuística.”

Observei-lhe ainda que, se me fornecesse alguma informação valiosa de identificação pessoal, prestar-me-ia um assinalado serviço. Preferivelmente algum incidente por mim ignorado, mas suscetível de controle, caso em que não seria fácil para os adversários proferirem a palavra mágica: “subconsciente”.

Ele respondeu: “Esperai um momento... Achei. Ignorais certamente que já fui professor.

– Ignoro-o absolutamente e asseguro-vos sinceramente que nada conheço de vosso passado.

– Bem, bem... Então vos informo que, antes de receber as ordens religiosas, fui mestre na Escola M. T., de Edimburgo. Podeis verificar a exatidão do que afirmo.

– Obrigado. Fá-lo-ei certamente.

– Caro colega, tocou-vos por sorte uma dura missão a desempenhar com os tempos que corre, observou o comunicante com uma entonação triste.

Respondi-lhe: – É verdade.

– E verificareis que não o será menos difícil no futuro, todavia estarei sempre convosco na igreja e no púlpito. E deveis informar disto os fiéis para que conheçam esta grande verdade. Informai-os de que continuo vivo aqui como eles estão vivos aí. A morte é só do corpo, não da alma.

A este respeito, devo salientar uma notabilíssima coincidência e é que algumas semanas após a conversa acima vieram a mim, uma após outra, várias pessoas de minha congregação para me informarem que, quando estou a pregar

um sermão no púlpito, percebem ao meu lado um vulto alto, robusto, vestido com uma longa batina preta.

Ora, eu ignorava tudo sobre o aspecto pessoal do Rev. Gerald Moss, mas, interrogando a respeito algumas pessoas que o tinham conhecido em vida, vim a saber que as informações prestadas por elas, como as idênticas fornecidas pelo *espírito-guia*, correspondiam exatamente ao seu aspecto pessoal. Noto que, entre elas, havia também um menino de oito anos, que me narrou o acontecido, presa de grande agitação (págs. 28/30).”

Finalmente, como complemento do exposto acima, resta-me acrescentar que, na página 43 do seu livro, o Rev. Duncan nos informa que, na busca por ele empreendida para verificar a particularidade fornecida pelo morto, segundo a qual este, antes de receber as ordens religiosas, fora preceptor na escola de Edimburgo por ele citada, particularidade absolutamente ignorada pelo consulente, pôde verificar serem exatas essas informações.

Este é o caso mais sugestivo, em meio a outros igualmente interessantes, acontecidos com o Rev. Duncan na sessão inicial da investigação empreendida e deve-se convir que ele foi feliz, porquanto lhe sucedeu logo um ótimo caso de identificação pessoal dificilmente acessível à hipercrítica adversária.

Por outro lado, o desenvolvimento das manifestações ocorridas serve para eliminar a hipótese de fraude, visto que os médiums não podiam conhecer os numerosos e íntimos informes pessoais fornecidos pelos espíritos comunicantes a título de identificação e a esse respeito não é o caso de adicionar coisa alguma.

Observo que, no caso exposto, além de uma informação totalmente ignorada pelo consultante, informação que foi em seguida verificada como verdadeira (o que serve para eliminar a hipótese de leitura do pensamento consciente e subconsciente), encontra-se ainda um incidente que serve para eliminar a hipótese de uma “mistificação subconsciente” e é o de dirigir o reverendo uma pergunta insidiosa destinada a fazê-lo trair-se, como

se tratasse de uma “personalidade sonambúlica”, mas, ao contrário, assim não aconteceu, e o comunicante retificou prontamente, com uma expressão de ressentimento, a tentativa do Rev. Duncan, demonstrando, com isto, de maneira efficacíssima, a própria identidade pessoal.

Um outro episódio, em tal sentido, é o do *espírito-guia* descrever o aspecto do defunto com particularidades reconhecidas como exatas, informações que ele não poderia ter apreendido na subconsciência do reverendo, que ignorava tudo a respeito. E tal notabilíssimo episódio se completa até tornar-se impressionante quando se verifica que a promessa formulada pelo defunto, de assistir o seu sucessor na igreja e no púlpito, é confirmada, de forma inesperada, pela circunstância de vários paroquianos perceberem, coletiva e sucessivamente, um espírito ao lado do seu vigário, espírito que descreveram em termos que concordavam com os fornecidos pelo *espírito-guia*, portanto todas essas descrições correspondiam à realidade.

Achamo-nos, portanto, diante de um conjunto intricado de provas e contraprovas convergentes todas para uma interpretação espiritual dos fatos e não sei, na verdade, que coisas poderiam objetar, a propósito, os propugnadores da palavra “mágica” subconsciente!

Relato ainda um caso de identificação espiritual que escolho pela sua brevidade:

“Andrew”, o *espírito-guia*, informou-o de que se achava presente um espírito com o nome de Dan e que o mesmo desejava vivamente falar com o Rev. Duncan.

Seguiu-se o diálogo abaixo:

“Eu não consigo estabelecer uma ligação entre tal nome e pessoas mortas que me fossem conhecidas, a não ser com um parente afastado, falecido numa das colônias, antes que eu nascesse.

– Não, não se trata desse Dan. Este outro Dan vós o conhecestes muito familiarmente em Edimburgo.

– Caro “Andrew”, desagrada-me ter de repetir que não me lembro de quem seja ele e, assim sendo, não falemos mais nisto. Poderá acontecer que mais tarde me lembre.

– É lamentável que penseis assim, pois se trata de um espírito ansioso por falar-vos. Ele afirma que o conhecestes muito bem e que se encontrava regularmente convosco.

– Estou bem contrariado com isto, mas não consigo recordar-me dele.

– Acrescenta que conhecestes também a esposa e o filho dele. Moravam perto de vós.

– É inútil, caro “Andrew”, mas não consigo recordar-me da pessoa dele. Talvez mais tarde me recorde.”

E com estas palavras teve fim o nosso diálogo, que deveria ter um interessante epílogo algum tempo depois.

Um amigo de Edimburgo me enviava, trimestralmente, os números atrasados do Boletim Paroquial e, em dezembro de 1929, recebi um pacote deles. Ao ler os boletins, caiu-me sob os olhos uma notícia que anunciava o falecimento de um velho amigo meu: William Dann, caixa do *Concílio das Igrejas Unidas*. Morrera no sábado, dia 14 de setembro de 1929. A sessão supracitada se realizara em Hamble, quinze dias depois. Eu estava bem longe de imaginar que ele tivesse falecido e ignorava mesmo que estivesse enfermo. Reportando-me ao que me fora dito na sessão para me despertar recordações, observo que tudo era verdade, inclusive a circunstância de que, cada quinzena, geralmente em um sábado à noite, nos reuníamos regularmente para conversarmos sobre as pesquisas psíquicas, assunto em que era muito competente. Nada mais certo, portanto, que, se depois da morte, lhe deparasse uma oportunidade de se manifestar, ele a teria acolhido com alegria. Assim sendo, convenci-me de que o fizera realmente naquela noite em Hamble. Infelizmente, o meu pensamento se fixara em um Dan, nome de batismo, e, como eu ignorasse que o meu amigo Dann tivesse morrido, na ocasião não conseguia atinar de quem se tratava. Posteriormente o meu amigo Dann se manifestou,

censurando-me pelo meu tardio reconhecimento de sua pessoa (*Ob. cit.* pág. 117).”

De um ponto de vista rigorosamente científico, poder-se-ia observar que o caso em si não se reveste de grande valor teórico, porquanto as numerosas informações apresentadas pelo comunicante, para fazer-se reconhecer pelo amigo, existiam todas na subconsciência deste último, mas, em compensação, nota-se a circunstância de o reverendo ignorar a morte recentíssima do amigo comunicante, o que equivale a admitir que ele foi, por processo mediúnico, informado de um detalhe que ignorava, do mesmo modo que as médiuns: o do falecimento do amigo.

O referido livro contém ainda alguns casos de identificação espírita, mas, para não me estender muito, passo a anotar outros aspectos interessantes das experiências espíritas do Rev. Duncan, informando, antes de tudo, que nesta série de experiências de *voz direta* estão intercalados fenômenos supranormais de todas as espécies: casos de clarividência no presente e no passado, correspondência cruzada, batidas mediúnicas, telecinesia, xenoglossia, perfumes espirituais e também curas imediatas de pequenas enfermidades dos presentes.

Relato a seguir um caso de *voz direta* ocorrido na sessão de 28 de maio de 1929, à qual assistia o Dr. Barker, eminente médico de Edimburgo. O *espírito-guia* “Andrew” dialogou assim com o médico:

“– Está presente aqui uma senhora que deseja falar ao seu médico.

– Terei bastante prazer em ouvi-la.

– Foi uma de vossas clientes e diz-me que conversou convosco sobre assuntos espíritas pouco antes de sua morte.

– Esta notícia muito me interessa.

– Assim é e ela vos agradece por tê-la orientado nessas pesquisas. Porventura lhe emprestastes alguns livros?

– Pode ser que tenha acontecido.

– Diz-me agora que, em outra manhã, experimentou manifestar-se visivelmente no vosso quarto.

– Que diz? (O Dr. Barker dá um pulo de surpresa).

– Diz que procurou aparecer-vos, encostada à parede, e está segura de que a vistes. É verdade isto?

– Eis uma comunicação surpreendente. É bem verdade que na manhã passada tive uma visão em que me pareceu reconhecer o espírito de uma cliente minha, falecida há pouco tempo, e a via precisamente encostada na parede. Tive cuidado em não dizê-lo para não passar por alucinação.

– Ela sorri. Está exultante de satisfação por saber que a vistes realmente. Diz que desapareceu penetrando através da parede.

– “Andrew”, diz-me agora o nome dela.

– Ela faz-me um S maiúsculo. Ó! Chama-se Sally!, Sally! Está há pouco tempo deste lado, mas fará o que puder. Vinde, podeis falar, irmã.

Faz-se ouvir uma voz feminina bastante distinta e algo forte para ser ouvida por todos, a qual se dirige ao médico chamando-o pelo nome Duncan! Duncan!

– Ó!, cara Sally. Sois vós mesma?

– Sim, caro Duncan. Disse que voltaria se a coisa fosse possível. Disse-o e o estou fazendo.

– Sim, o dissestes e o estais fazendo. Gratíssimo vos fico.

– Então me vistes mesmo?

– Sim, percebi-vos encostada na parede, mas não podia crer em mim mesmo e achei que se tratava de uma ilusão dos sentidos.

– Nada disto. Era eu mesma.

– O que esperáveis se realizou?

– Muito mais cedo do que eu esperava. Sou extraordinariamente feliz, mas não posso demorar-me... A força se enfraquece... Adeus, adeus!

Adeus, Sally. Deus vos abençoe.

Na ocasião, o Dr. Barker explicou que o acontecido se reduzia a uma prova de identificação extraordinária. “Sally”

fora uma cliente sua que padecia de um mal incurável. Em tal circunstância, para confortá-la, aconselhara-a a que lesse livros espiritualistas e fizera quanto possível para prepará-la para a grande passagem inevitável. Nos seus últimos dias de vida, ela prometera ao seu médico que, se fosse possível, voltaria, esforçando-se por se lhe mostrar sob forma visível. Ninguém, no mundo, além de nós dois, sabia da existência de nosso acordo, que fora mantido de modo impressionante.” (*Ob. cit.*, págs. 95 e 96).

Que pensar deste outro admirável episódio? Eis uma enferma que promete ao seu médico que, podendo, voltaria, fazendo-se ver, e mantém a palavra empenhada! Reconheço, entretanto, que se tudo consistisse nisto, os nossos adversários teriam podido objetar legitimamente, mas erroneamente, que o médico fora vítima de uma alucinação por efeito de uma “atenção expectante” e o médico o compreendera tão bem que se absteve de fazer saber que vira um espírito. Eis, porém, que o médico é convidado para assistir a uma sessão de *voz direta* e a primeira a se manifestar é justamente a sua cliente que fora comunicar-lhe que havia mantido o trato feito de aparecer-lhe no seu quarto, confirmando, de maneira definitiva, a autenticidade da visão percebida por ele. Nada, portanto, de “atenção expectante”, determinadora de visões alucinatórias.

Estes os fatos, dos quais decorre que a confirmação, inesperada e magnífica, da objetividade da visão ocorrida se transforma numa dupla prova de identificação espiritual: uma decorrente da demonstrada veracidade do espírito aparecido e a outra da não menos demonstrada identidade do mesmo que se manifestou pela *voz direta* para fazer-se anunciar ao seu médico.

Passando adiante, observo que também o fenômeno das curas rápidas de pequenas enfermidades, de que sofriam os experimentadores, se mostra interessante e incomum nas circunstâncias em que os acontecimentos se desenvolvem. Resolvo-me, portanto, a narrar um caso delas.

O Sr. Sidney Charters fora convidado para assistir a uma sessão do Rev. Duncan e, na véspera do dia marcado, caíra, ao jogar

golfe, lacerando seriamente as cartilagens de um joelho. Ainda assim, compareceu à sessão mancando e sentindo dores, e logo se ouviu a voz de “Andrew”, que, dirigindo-se a ele, lhe disse o seguinte:

“– Irmão, não estais muito bem. Sei de tudo: foi um acidente num jogo de bolas.

O Sr. Charters, sorrindo, respondeu-lhe:

– Tendes razão e as bolas desta vez me deram um forte tiro.

– Já sei. Sentis dores num dos joelhos.

– Exato. Faz-me muito mal. Poderíeis sugerir-me algum remédio?

– Vou satisfazer-vos. Esperai um momento. Vou procurar um espírito que foi médico na Terra.

Ouvi-se pouco depois uma surpreendente conversa entre dois espíritos, na qual intervinha algumas vezes “Andrew”. Este último, finalmente, anunciou que dois médicos estavam presentes, para depois acrescentar:

– Irmão, agora os médicos irão curar-vos.

– Muito obrigado, “Andrew”. Confio muito na vossa intervenção.

Logo depois ele soltou um grito agudíssimo de dor e todos perguntaram: “Que está acontecendo?”

O Sr. Charters observou: “Meu Deus! Que dor agudíssima! Parecia que me enterraram uma lâmina entre as juntas do joelho. “Andrew”, dissei-lhe para não fazer mais isto.

– Não vos alarmeis, irmão – respondeu ele –. O médico que vos feriu está sorrindo e diz que agora ficareis curado.

– Então folgo em sabê-lo e agradeço a todos vós.

E foi isto mesmo que aconteceu. Daquele momento em diante o meu amigo não sentiu mais dor alguma e, quando saiu da casa, desceu as escadas desembaraçadamente, sem capengar. Ficou radicalmente curado num instante e nada mais sentiu no joelho ferido, nem no dia seguinte, nem depois.” (*Ob. cit.*, págs. 84/85).

Não há o que dizer senão isto: as curas rápidas, de tal natureza, em que se trata de *feridas* e não de um mal-estar qualquer, são teoricamente interessantes porquanto se mostram inexplicáveis com as teorias da “auto-sugestão curadora” e da “fé que produz milagres”, como se afirma para as curas na cidade de Lourdes, na França, teorias legitimamente aplicáveis a numerosas enfermidades de origem nervosa ou ainda de outra natureza, mas que não parecem suficientes para explicar o caso em exame, em que se trata de uma laceração das cartilagens do joelho. Observo como também a particularidade do agudíssimo grito soltado pelo paciente, com a explicação que se seguiu de ter ele sentido como uma lâmina a se lhe enterrar no joelho, parece comprovar a intervenção de um operador invisível. Como explicar a cura havida? Nada sabemos, mas o fato é que o paciente ficou curado, num instante, de um ferimento, não insignificante, em delicada parte da perna.

Resta aludir à característica principal das experiências em questão, a qual consiste na freqüência com que os *espíritos-guia* revelam o futuro pessoal dos experimentadores sob a forma de minuciosos anúncios antecipados dos acontecimentos que lhe surgirão durante o ano. E trata-se sempre de acontecimentos comuns, não trágicos.

A importância da questão é tal que exigiria um longo desenvolvimento e lamento não poder fazê-lo. Limito-me, pois, a narrar um caso, a título de exemplo.

O Rev. Duncan, seguindo os conselhos dos *espíritos-guia*, que desejavam que ele passasse a morar em centros mais próprios à propaganda das novas idéias, pedira a sua demissão de Reitor da Igreja Episcopal de Santo André, em Edimburgo, e fora para Londres na esperança de poder obter um outro posto nas imediações, mas a oportunidade não se apresentava e a situação começava a tornar-se inquietante.

Durante uma sessão na residência das irmãs Moore, uma delas se dirigiu ao *espírito-guia* “Andrew” e com ele se estabeleceu o seguinte diálogo:

– “Andrew”, nós imploramos o vosso auxílio devido à situação em que se acha o Rev. Duncan. Já estamos ficando preocupados.

– Não vos preocupeis, irmã. Tudo acabará bem. (num timbre de voz como muito seguro de si).

– Assim esperamos, “Andrew”, mas somos criaturas humanas e não podemos evitar a nossa ansiedade.

– O irmão Duncan seguiu fielmente o nosso conselho.

– Sim, à letra, e agora se sente intranquilo quanto ao seu futuro.

– Não assegurei, porventura, que não permitiríamos que ele ficasse desocupado?

– Sim, é verdade.

– Pois bem, a coisa não é assim mesmo? Estaria ele talvez desiludido?

Aqui, o Rev. Duncan dá o seu aparte e esclarece: “Certamente que não. Desde o dia em que deixei a Escócia não tive um só domingo sem ocupações retribuídas. Dir-se-ia que todos se esforçam em auxiliar-me.”

“Andrew” e a Srta. Moore voltam ao seu diálogo.

– Não vos entristeçais, irmão. Nós vos ajudaremos sempre.

– Isto é um conforto, “Andrew”, mas não seria melhor obter para ele uma ocupação estável? Procurai consegui-lo, pediu a Srta. Moore.

– Está bem, irmã. Faremos o que pudermos.

Seguiu-se um período de silêncio e a mais jovem das irmãs, que possui o dom de clarividência, disse perceber “Andrew”, que conversava com uma entidade alta e morena. Depois “Andrew” se manifestou novamente anunciando que, no fim de três semanas, o Rev. Duncan estaria com uma ocupação estável. E assim continuou.

– Vejo um comprido envelope que lhe chega com uma proposta. Dentro há um papel escrito à máquina, que lhe é endereçado. No ângulo, ao alto, distingo um selo.

E segue-se o seguinte diálogo entre o Rev. Duncan e “Andrew”:

– Pelo que é descrito, lembra um documento oficial.

– Não. É uma oferta que vos será feita.

– A coisa está me interessando. Podeis descrever o local em que se acha o vicariato?

– É um vicariato simpático. Fica no alto de uma colina, em pleno campo.

– Suponho que poderíeis dizer-me também o nome da igreja.

– Experimentarei. Chama-se... Maria... Santa Maria Madalena.

– Estou tomando nota de tudo o que me dizeis. É bonita a igreja?

– Sim, bastante. Desejo que tome nota também do púlpito, que é pintado de verde com numerosos dourados e certas pinturas que se assemelham às dos vasos de louças.

– Este é um detalhe pouco comum e não me esquecerei certamente de observá-lo.

– Lembrai-vos de observar também os vitrais laterais e, na ocasião de vossa ida lá, achareis um vaso cheio de alvos lírios, apoiado bem defronte da figura pintada em um vitral.

– Ó, certamente que não me esquecerei.

– E que coisa mais podeis dizer-me sobre o vicariato? – perguntou a Sra. Duncan, intervindo na conversa.

– Bem, sei que as senhoras gostam de ficar bem instaladas. Pois bem, o vicariato é bonito, simpático, construído de pedras e tijolos vermelhos. Verificareis que nas paredes externas há cruzes pintadas por todas as partes.

– Lembrar-me-ei de tudo que me descreveis. Há jardins? – perguntou ela.

– Sim, sim. É quando entrardes pela porteira do jardim, percebereis uma árvore estranhamente torta, em torno da qual estão dispostos canteiros floridos.

– Nada mais de notável? – perguntou ainda ela.

– Sim, quando chegardes lá, encontrareis um homem que vos espera na porta. É um ministro anglicano, alto, magro, de rosto comprido e barbeado e de cabelos brancos. Observareis que ele tem os dedos das mãos muito compridos...

– Fica o vicariato situado ao norte ou ao sul? – perguntou, por sua vez, o Rev. Duncan.

– É situado ao sul e fica bem longe daqui.

– Caro “Andrew”, fica, pois, entendido que o Rev. Duncan obterá breve uma ocupação estável. Podemos levar em consideração as vossas palavras? – perguntou, por sua vez, a Srta. Moore, intervindo na conversa.

– Sem dúvida alguma, irmã. Ele confiou em nós e nós nunca permitiremos que possa arrepender-se. Não posso permanecer por mais tempo... A força diminui. Boa-noite, irmão. Boa-noite, irmãs. Deus vos abençoe.”

O Rev. Duncan teceu a propósito os seguintes comentários:

“Foi esta uma das sessões mais estupefacientes e probantes por mim obtidas até hoje. Todas as predições que me foram feitas se realizaram totalmente. No fim das três semanas indicadas, chegou-me um comprido envelope contendo um papel datilografado em que me era oferecido um vicariato vago. Trazia, num dos ângulos, ao alto, o selo do “Colégio Eclesiástico” e tinha a aparência de um documento oficial. A igreja, que me foi oferecida, era consagrada à Santa Maria Madalena e, para atingi-la, era preciso subir a encosta de uma colina. O púlpito era mesmo pintado de verde, com numerosos dourados, e sobre os três lados do mesmo se notavam três grandes escudos com armas gentílicas, que “Andrew” comparara às pinturas existentes nos vasos de louça. O vicariato era construído em tijolos vermelhos e pedras silicadas e nas paredes externas haviam cruces mais ou menos espalhadas. Quando fomos visitar o vicariato, imaginávamos que não se realizaria a predição relativa ao vaso dos lírios e isto porque era ocasião da quaresma,

período durante o qual são retiradas as flores das igrejas, mas assim não aconteceu. Verificamos que nos vitrais estavam pintadas imagens de Nossa Senhora e do menino Jesus e que diante das mesmas havia um vaso cheio de lírios. Chegados ao vicariato, achamos o Reitor no limiar da porta a esperar-nos e era mesmo um homem alto, magro, barbeado e de cabelos brancos. Não reparei nas suas mãos, mas a minha esposa não o esqueceu, notando que tinha dedos muito compridos. Enfim, no jardim próximo ao portão de entrada, encontramos a tal árvore curiosamente torta de que falara a predição, circundada de canteiros floridos como descritos.” (*Ob. cit.*, págs. 110/115).

O caso exposto apresenta-se teoricamente muito importante sob diversos pontos de vista e comportaria mesmo um longo comentário, porém deverei limitar-me às características que lhe são peculiares.

Observo a propósito que, neste mesmo caso, como em outros contidos no livro, nota-se a circunstância interessante de que os *espíritos-guia*, enquanto prenunciam, minuciosamente, acontecimentos comuns que deveriam suceder aos experimentadores, declaram, explicitamente ou fazem compreender veladamente, que os acontecimentos vaticinados se realizarão por sua intervenção direta sob a forma de sugestões apropriadas aos diversos protagonistas da situação vaticinada. Tal circunstância, que já fiz notar no meu trabalho sobre os fenômenos premonitórios, é altamente sugestiva, porquanto poderia servir para explicar uma parte dos fenômenos precognitivos, mas é preciso não imaginar que ela sirva para explicá-los todos.

Nota-se, além disso, que, no caso exposto, se combinam a clarividência no futuro com a mesma no presente, visto que os estupendos informes dados sobre o vicariato destinado ao Rev. Duncan pressupõem que a entidade comunicante tenha ido ao local dele ou tenha tido, de qualquer forma, a visão, à distância, de cada detalhe em particular.

Quanto ao incidente do vigário demissionário, que os recebeu na porta dele, conforme foi predito, faz supor que se trata, evi-

dentemente, de um fenômeno que se classificaria na ordem dos supracitados, em que a entidade comunicante obtém a realização do próprio vaticínio sugestionando, no sentido apropriado, os protagonistas do caso.

Neste ponto, apresenta-se uma interrogação formidável. Como classificar as personalidades mediúnicas capazes de sugestionar os diversos protagonistas de sua situação vaticinada de modo tão eficaz a ponto de fazê-los agir como autômatos submetidos à sua vontade? Personalidades sonambúlicas ou personalidades espirituais? Nenhuma dúvida padece de que a primeira solução da questão se mostra inverossímil até o absurdo. Seria lógico, talvez, presumir que, nas subconsciências das irmãs Moore, existam faculdades capazes de submeter, à sua vontade, qualquer pessoa viva? Quer dizer, até pessoas que lhes são inteiramente desconhecidas? Este último detalhe, se fosse verdadeiro, estaria em completa contradição com a férrea lei da *relação psíquica* indispensável a qualquer forma de comunicações supranormais entre duas mentes, lei que não comporta exceções no domínio das pesquisas psíquicas, como não comporta exceções no domínio da química, da eletrotécnica, tomando, respectivamente, os nomes de “lei da afinidade”, de “sintonização” entre os diversos comprimentos da “onda”. Decorre, daí, que a segunda solução da questão se apresenta como a única racionalmente e cientificamente aceitável, visto que não pode existir uma terceira.

\*

Termino aqui com as citações, embora outras séries de fenômenos teoricamente interessantes existam, os quais exigiriam adequados comentários, que serão provavelmente feitos em outro trabalho meu.

Do ponto de vista filosófico-religioso, o livro do Rev. Duncan vem colocar-se ao lado de outros igualmente importantes publicados na Inglaterra por ministros da Igreja Anglicana, o que demonstra que o clero reformado começa a penetrar resolutamente no terreno das investigações supranormais, experimentando, publicando livros e aderindo à interpretação espiritual dos

fatos.<sup>1</sup> Não só isto, mas houve dois pastores anglicanos, um dos quais é o próprio Rev. Duncan e o outro o Rev. Mac Clean, que desenvolveram do púlpito todo um programa de sermões destinados a mostrar aos seus fiéis a importância providencial das pesquisas psíquicas, porquanto elas contribuem evidentemente para reforçar a vacilante fé cristã do século em que vivemos, século muito cientificamente avançado para que a humanidade pensante possa adaptar-se a crer fora do obsoleto “critério de autoridade”.

A propósito de sua própria pregação, observa o Rev. Duncan:

“O fato é que os meus sermões sobre a importância das pesquisas psíquicas na atual crise religiosa, sermões por mim proferidos na igreja de Santo André, em Edimburgo, e todos publicados todas as semanas pelo *Edinburgh Evening Despatch*, que é o jornal mais lido na Escócia, produziu uma enorme impressão na massa popular e eu recebi uma porção de cartas de encorajamento, de agradecimento, de bênção e também várias cartas de conteúdo violento e ameaçador. Mas, afinal de contas, o coeficiente de correspondência foi para mim uma revelação, pois que serviu para demonstrar-me quanto se acha difundido no meio dos melhores cristãos, bem como no meio dos que não praticam o culto, o desejo supremo de obterem provas tangíveis de que os seus entes queridos sobreviveram à morte do corpo físico. Demonstrou-me, sobretudo, que, na maioria deles, este ardente desejo se transformara em tormentosa necessidade... Pois bem, baseado na minha experiência pessoal, afirmo que as pesquisas psíquicas são as únicas que podem fornecer-lhes o conjunto de fatos destinados a satisfazer as suas prementes necessidades espirituais. E esta é a “razão de ser” do presente livro.” (Idem, págs. 83/84).

E o Rev. Duncan tem plena razão: o seu livro, repleto de fatos variadíssimos, sugestivos, convincentes, no sentido da demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano, livro este publicado por sentimento de dever, depois de escrito com escrupulosa precisão e concebido com grande sinceridade de propósitos, encherá de supremo conforto as almas atormentadas

pela dúvida filosófica e as feridas sob os golpes inexoráveis da foice da morte. **Fim**

---

<sup>1</sup> Ler, sobre o assunto, o notável livro do pastor da Igreja Livre Unida, Rev. Walter Wynn, sob o título de *A morte não existe*, publicado por esta Editora. Note-se que a Igreja Anglicana é a da religião oficial da Inglaterra. (N. T.)